história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, leva-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolvem a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxiliam na construção da identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo seu caráter motivador sobre a criança. Por isso é indispensável que o educador tenha conhecimento dos benefícios dessa pratica sobre o desenvolvimento infantil, e saiba utilizá-lo adequadamente em sala de aula no ensino e aprendizagem dos seus educandos, ou na pedagogia hospitalar, como potencializadora dos conteúdos trabalhados e ferramenta interdisciplinar, e não apenas por isso, mas também como uma fonte de prazer, conhecimento e emoção, onde o lúdico se torna um eixo condutor no estímulo à leitura e à formação de uma geração leitora e escritora de alunos A importância da educação na formação da subjetividade humana é imensa. Cada professor e cada educando são diferentes porque são únicos e possuem sua carga de valores, conceitos e preconceitos. Conviver com essas diferenças é tarefa complexa que exige um relacionamento de respeito e confiança entre os pares. Dessa forma, os educadores hoje têm como principal desafio, a autoria do pensamento. Objetividade e subjetividade convivem no espaço do ensinar e do aprender, onde sejam privilegiados aspectos interacionais que possibilitam ao sujeito humano compreender os dilemas e os grandes problemas por ele gerados. Aprender, então, é a própria vida, que deve ser vivida na reflexão, no diálogo, na interação.

Assim, à medida que a criança se desenvolve e amplia seu contato com livros, folheando-os, manuseando-os, encontrará tempo par sonhar e criar aventuras. Com isso, faz-se necessário que o professor haja como um mediador entre a criança e as histórias, pois a partir daí acontecerá a segunda etapa deste processo, o momento da criação com o estilo próprio de cada criança. Portanto, cabe ao professor criar um ambiente acolhedor e aconchegante, favorável para contar histórias e posteriormente criar histórias, utilizando para isso diversos meios, como organizar o cantinho de leitura, contar histórias ao ar livre, entre outros, que a criatividade e a imaginação do professor e dos alunos poderão criar, resgatando a leitura como fonte de encanto e prazer. Que as histórias nunca deixem de nos ensinar a interpretar as noites de frio, de medo. O encanto das paisagens, o ruído dos animais... enfim, que consigamos repovoar o mundo das histórias, nos tornando cidadãos, fazendo de nossas histórias uma história a ser contada.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo, SP: Scipione, 2003.

ARIÈS, P. O sentimento da Infância. In: História social da criança edafamília.2ed.

BUSATO, Cléo. A Arte de Contar Histórias no século XXI. Petrópolis, RJ: 2006.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: EditoraVozes, 2003

COELHO, Betty. Contar histórias uma arte sem idade. São Paulo, 2002. Editora Ática.

GÓES, M.C.R.; SMOLKA, A.L.B. (Org.) A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação. Campinas, SP: Papirus, 1997.

GÓES, Maria Cecília Rafael. As relações Intersubjetivas na construção de conhecimentos. In: LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1986.

MÁXIMO-ESTEVES, Lídia. Da Teoria a Prática: educação ambiental com as crianças pequenas ou o fio da história. Porto, Portugal: Porto Editora Ltd., 1998

SOUSA, contação de história na educação infantil, editora Ática.

TAHAN, Malba. A arte de ler e contar histórias. 2. ed. Rio de Janeiro:

Conquista, 1961.

VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

NEUROPSICOPEDAGOGIA E A LUDICIDADE ENQUANTO PRÁTICAS EDUCATIVAS

DIANA MOTA MOREIRA

Resumo

O presente artigo está focado na realidade escolar tendo como mote as práticas da ludicidade enquanto vivência e elemento de construção do autoconhecimento, sociabilidade e desenvolvimento holístico de alunos da educação básica, com inspiração nos saberes da Neuropsicopedagogia. Essas práticas denotam ser importantíssimas para as crianças e também para os educadores, além de apresentar resultados positivos, altamente mensuráveis e apreciáveis. Nessa ótica, pensar o

brincar em sua relação com a aprendizagem é uma condição cada vez mais necessária para os professores a partir dos conhecimentos e atuação da Neuropsicopedagogia, que na sequência exporemos brevemente, dada a vastidão de sua complexidade e bases intelectuais. Contribuindo com esta pesquisa, nos referenciamos aos seguintes autores: CUNHA, BROUGÈRE, VYGOTSKY, KISHIMOTO, PIAGET, ELIAS, FREIRE dentre outros.

Palavras Chave: Ludicidade, Neuropsicopedagogia, desenvolvimento biopsicossocial, sociabilidade, civilização, escola.

INTRODUÇÃO

Pensar uma educação humanizadora, que possa responder por uma formação plena dos educandos, principalmente em se tratando de crianças em vivência na educação básica é de primordial necessidade para a construção de um futuro promissor; formação essa que implica no pleno desenvolvimento de todas as capacidades emocionais, cognitivas e sociais destes educandos, condição que trataremos com o melhor embasamento ao longo deste trabalho.

Sem dúvida, podemos considerar que a educação é o pilar do processo civilizador e essa vivência, tal como defende Elias (1994), começa nas adequações entre o desejo humano em conformação com as exigências sociais, principalmente no que se refere a expressão plena de si frente aos pressupostos da sociabilidade.

Sociabilidade que representa autoconsciência e autoconstrução numa relação propositiva com o mundo, ainda que sob o princípio da adequação ao coletivo (Elias, 1994).

Ora, a educação humanizadora certamente nos oferece esses elementos e deve ser buscada com dinamismo e dedicação, devendo-se abraçar a todos os recursos que sabidamente contribuem com seus sucessos e com a melhoria das relações humanas, pedagógicas e existenciais dos indivíduos e sociedade.

A ludicidade figura com destaque nesta educação humanizadora, não só pelo amplo arsenal de práticas e teorias que possui, mas porque favorece a construção de sólidas pontes entre educadores e educandos, entre o mundo exterior da criança e sua consciência, entre as crianças entre si, e por fim, da criança com o mundo social, sempre mais em expansão e cada vez mais exigente das adequações civilizatórias a que aludimos acima.

Numa necessidade compreensível de esclarecimento, evidenciamos que os termos "civilização", "civilizatórias" e congêneres, referem-se ao sentido pleno de sociabilidade com consciência, pertencimento e expressão de si como realização, nada tendo a ver com as práticas colonizadoras, opressivas e exploratória das nações europeias dos séculos passados, que conquistaram, devastaram e tentaram apagar a cultura e valores de territórios e populações na África, Américas, Ásia e Oceania, aludindo cinicamente que "levavam a civilização aos povos que não a possuíam" e que portanto poderiam ser silenciados ao bel prazer dos conquistadores.

Ao contrário, reconhecemos que toda a bagagem existencial na diversidade humana é "civilização", em particular a vivência pregressa dos alunos, com seus usos e costumes, com sua estética e sua ludicidade, ainda que iniciais. Lembramos também, que o brincar, que a sociabilidade divertida e formadora, também é um processo civilizador, portanto educativo.

Em relação à ludicidade podemos defini-la como princípio pedagógico que busca o desenvolvimento dos alunos através dos jogos, brinquedos, brincadeiras e demais práticas que através do atrativo e divertido proporcionam toda a sorte de desenvolvimentos.

De forma geral, define-se as atividades lúdicas como aquelas que estimulam o desenvolvimento das capacidades, habilidades e potencialidades das crianças por meio de brincadeiras, da interação com o outro, com o desenvolvimento da imaginação, da relação pertinente do corpo e mente e da fantasia, desde que todas essas facetas estejam em consonância com a realidade infantil.

Indubitavelmente, o vivenciar lúdico no universo da aprendizagem deve representar um equilíbrio entre a individualidade da criança e os processos de socialização, além de primar pelo prazer do participar, aprender e repartir.

Por certo, um dos grandes méritos das práticas da Ludopedagogia (segmento da Pedagogia que estuda a contribuição das atividades lúdicas na aprendizagem), é permitir aos educandos a expressão de suas emoções, o senso de realização, o compartilhar de seus sentimentos e a sentir-se parte do todo.

Em complemento, a relação produtiva e harmônica interpares, ou seja, entre as próprias crianças se estendem para as relações intergeracionais (já que se dá com o educador que representa o mundo adulto), o que pode permitir que tais viveres sejam repartidos com a família da própria criança, em seus lares nos momentos de lazer e eventos parentais, onde o brincar entre gerações daria um senso de comunhão e satisfação.

Destarte, se podemos conjuminar educação, civilização e ludicidade, podemos apontar os caminhos para o pleno desenvolvimento humano da criança em suas práticas e o desenvolvimento dos educadores enquanto agentes formadores da condição humana propositiva, inclusive sob o prisma da Neuropsicopedagogia, o qual abordaremos na sequência.

1. LUDICIDADE E NEUROPSICOPEDAGOGIA

A Neuropsicopedagogia é uma área da educação voltada ao estudo das relações entre a aprendizagem humana e o funcionamento do sistema nervoso com suas manifestações. Evidentemente, trata-se de uma ciência de caráter transdisciplinar que tem oferecido (e muito pode oferecer) ao desenvolvimento da Pedagogia e suas práticas, inclusive, no âmbito da ludicidade que confirmam muito de seus princípios.

Dentre os aspectos que destacamos dentre suas potencialidades, temos as possibilidades de evolução dos sentidos sociais, educacionais e pessoais dos educandos, tendo como instrumentos os diagnósticos, as profilaxias e os tratamentos de carências, distúrbios e dificuldades de aprendizagem e sociabilidade, dentre outros.

Torna-se assim pertinente relacionar os méritos da Ludopedagogia com as possibilidades da Neuropsicopedagogia, já que se tem constatado o quanto a ludicidade contribui com os objetos e objetivos da citada ciência e da própria Pedagogia.

Em se tratando da realidade escolar, as práticas e saberes da Neuropsicopedagogia apresentam-se com um caráter preventivo, transformador e solucionador de elementos que vão do desenvolvimento do indivíduo aos vários tratamentos, sempre pensando os princípios humanísticos, civilizatórios e de realização destes, sobretudo aqueles em formação.

Ao estudar o funcionamento do cérebro, entender o universo existencial do educando e produzir as adequações positivas do sujeito com o mundo social, a Neuropsicopedagogia e o profissional de educação que assim se habilita, contribuem para a realização plena do processo educativo íntegro e necessário para a transformação feliz do mundo.

Neste sentido, podemos concordar que se a educação não move o ser humano para sua conclusão existencial, dificilmente este indivíduo atuará de maneira propositiva com o social.

Aliás, lembremos de FREIRE (1987), que afirma com grande propriedade que não cabe à educação mudar o mundo: cabe a ela mudar as pessoas, que mudarão o mundo na medida que se transformarem por ela; nisso reside a união das importantes práticas da ludicidade e da Neuropsicopedagogia.

Tais mudanças globais, positivas e negativas, cada vez mais apresenta-se necessitada dos méritos da ludicidade e da Neuropsicopedagogia, que respondem às necessidades dessa virtualização avassaladora, que tornou-se ainda mais proposta ao isolamento por conta das restrições pandêmicas, além, é óbvio, das atuais contingências de nossa sociedade individualista, desafeita às relações sociais humanizadas e colaborativa.

Neste estado, que acima citamos, as necessidades, carências, patologias e síndromes educativas, no geral, ficaram alijadas de um tratamento adequado, mesmo de uma percepção que contribuísse com o diagnóstico, a profilaxia e o resgate humano daqueles que em sofrimento, defasagem e autodescrédito se viram ainda mais submetidos ao isolamento, negligência e desatenção.

Nesse espírito, a ludicidade e os saberes próprios da Neuropsicopedagogia, respondem apropriadamente, não apenas pelas questões terapêuticas e pedagógicas, mas sobretudo, num princípio temporal (nossos dias atuais) e civilizatório (já que pensa e atua sob o crivo de nossa realidade social contemporânea e futura).

Em relação ao brincar, ao aprender, evoluir e até a autocurar-se pela vivência lúdica, reportamo-nos a Piaget:

"O jogo e o brincar, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, proporciona uma assimilação da real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando e brincando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil. (PIAGET 1976, p.160)".

Assim, é de grande importância confirmar a necessidade do lúdico como primordial contributo do processo de aprendizagem das crianças na educação básica, tendo como elemento-chave o próprio desenvolvimento destas de forma eficiente e gratificante.

No centro desse processo que visa o pleno desenvolvimento, indicamos como basais a identificação que esclarece como as brincadeiras facilitam o processo de ensino-aprendizagem e tentamos compreender a melhor forma de atuação dos docentes na utilização da ludicidade no espaço escolar, além de apreender como o brincar favorece a educação como um todo e nos próprios processos de aprendizagem.

Tendo como base os méritos da Neuropsicopedagogia, tais elementos se tornam não só constatáveis, como aplicáveis como adequação superior, favorecendo educandos e educadores nestas conquistas desejadas.

Pelo brincar em seu contexto de aprendizagem, interação das crianças, desenvolvimento de novas capacidades e no processo de amadurecimento, o educador pode contribuir grandemente para a profilaxia, trata-

mento e resgate daqueles que se encontram aquém do que exige sua faixa etária e os pressupostos saudáveis para os contextos existenciais que são próprios da criança em questão, nunca percebendo o sujeito pelas generalizações, mas valendo-se em tais parâmetros, das indicações, muito claras e coerentes, determinadas naquilo que estrutura a Neuropsicopedagogia.

2. PENSADORES DA RELAÇÃO ENTRE O BRINCAR E O APRENDER.

Durante muito tempo a educação foi pensada em termos de rigor, exigências e até repressão, como se aos alunos coubesse tão só ouvir e obedecer, sem terem o direito de participar ativamente dos processos, sem expressarem suas emoções, sentimentos e corporeidade, naquilo que Freire (1987) denominou como sendo "educação bancária".

Felizmente esta contingência está sendo cada vez mais desacreditada na medida em que pensadores de várias áreas começaram a propor mudanças com relevante embasamento teórico, valendo-se de saberes próprios da Pedagogia, Psicologia, Sociologia, Antropologia, História, Neurologia, dentre tantas disciplinas.

Cara expressão dessa mudança de paradigma educacional foi a valorização do brincar como elemento fundamental para a aprendizagem e o desenvolvimento holístico da criança, que diante dessas possibilidades, no geral, sente-se agente dos próprios processos, sabendo-se acolhida, vocacionada e amadurecida diante dos seus sucessos intelectuais, emocionais, verbais, motores, racionais, e tantos mais. Nisso podemos fortalecer nossas convicções:

"O brincar também contribui para a aprendizagem da linguagem. A utilização combinatória da linguagem funciona como instrumento de pensamento e ação. Para ser capaz de falar sobre o mundo, a criança precisa saber brincar com o mundo com a mesma desenvoltura que caracteriza a ação lúdica. [...] as crianças que brincam geralmente não estão sós. A escola não deve cultivar apenas a espontaneidade, já que os seres humanos necessitam de diálogo, do grupo (KISHIMOTO, 1998, p. 148-149)".

Com essas constatações de que o brincar é um poderoso instrumento de expansão do pensar, do falar, do agir e do socializar, devemos buscar os âmbitos teóricos que favorecem nossas certezas, a partir de seus principais pensadores.

Valendo-nos de Vygotsky (1989) compreendemos que o brinquedo e o brincar são fundamentais no desenvolvimento da criança, que por tais meios avançam em habilidades necessárias e incontornáveis, tal como a concentração, coordenação motora, autonomia, motivações diversas, ampliação das percepções visuais do mundo ao redor, e tantos outros.

Já Cunha (1984, p.15), nos lembra que "enquanto brinca a criança está se exercitando física, social e emocionalmente. Está crescendo em descoberta que vai fazendo, experiência que vai adquirindo".

Assim apreendeu-se que no brincar as crianças, vivenciam a necessária interação, promovendo a socialização, preparando-a para a atuação no mundo de modo seguro e salutar.

Mesmo o contexto social da criança é muito relevante para o brincar, pois como indica Brougère (2002) que explica que o brincar está intimamente ligado às influências do mundo, pois não é apenas uma atividade interna da criança, mas possui uma base real e uma significação social. O autor lembra que a criança não é apenas um ente familiar ou tão somente um aluno, mas antes, é um ser social e como tal deve ter sua importância reconhecida e apoiada.

Assim, entende-se que a brincadeira categoriza-se como uma aprendizagem social: "A criança não brinca numa ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas, ela brinca com o que tem na mão e com o que tem na cabeça" (BROUGÈRE, 2001, p.105).

Por seus aspectos sociais e culturais, o brincar vai além dos saberes dos indivíduos, mas refletem a realidade por estes vivenciadas.

Vygotsky (apud RABELLO, E; PASSOS, J. S. Vygotsky e o Desenvolvimento Humano. Rio de Janeiro, 2006.), afirma que a aprendizagem por si e o desenvolvimento não são sinônimos; consideração importante já que para ele na vida de uma criança, a aprendizagem e o desenvolvimento estão permanentemente ligados entre si, ainda que distintos e frutos de vários processos existenciais; a aprendizagem deve ser apropriada ao desenvolvimento da criança, ou seja, ao seu nível de amadurecimento.

Ressalte-se que a percepção e o conhecimento infantis, construtores da realidade, não se dão imediata ou automaticamente, mas são frutos da imensa gama de experiências, configurando-se enquanto um estágio complexo com vários níveis de graduação, já que a imaginação infantil se articula com as percepções e aprendizagens anteriores, forjando os muitos entendimentos da realidade mesma.

Em relação à imaginação infantil, segundo muitos teóricos, esta passa por muitos estágios até que adquira as capacidades de percepção do real, partindo de momentos em que a criança acredita na absoluta veracidade do brinquedo como em sendo a realidade e

do próprio brincar sem os separar enquanto imaginário do fato, até a percepção de que no brincar esse simbólico é limitado e tem uma função específica e temporária, não sendo a realidade mesma.

Portanto, consideramos que é papel da Ludopedagogia em sua junção com a Neuropsicopedagogia é estimular gratamente a imaginação, o fazer, o integrar e o expandir da criança em seus sentidos plenos, mas favorecendo a percepção da realidade como elemento construtor de si mesmo.

Numa época onde a autonomia, a criatividade, a autenticidade, a autoafirmação, a responsabilidade e o juízo crítico são mais que necessários e exigidos, a educação deve arvorar-se a responder aos méritos da civilização, da construção da humanidade capaz e realizada que contribua com tais princípios e ambições propositivas; a ludicidade, a análise e a terapêutica da Neuropsicopedagogia não são simplesmente opcionais, mas cada vez mais necessárias.

A saber, temos uma confirmação importante:

"[...] a neuropsicopedagogia procura reunir e integrar os estudos do desenvolvimento, das estruturas, das funções e das disfunções do cérebro, ao mesmo tempo que estuda os processos psicocognitivos responsáveis pela aprendizagem e os processos psicopedagógicos responsáveis pelo ensino" (FONSECA, 2014, p.1)".

Consideremos, que não se promove o desenvolvimento do ser humano pleno, ignorando os contextos sociais, culturais, econômicos, familiares e das vivências educacionais, além das questões do funcionamento do cérebro, que dialogam com o lúdico, o pedagógico e até das sinapses, forjando o melhor processo cognitivo do aluno na vida escolar como reflexo do seu porvir.

Ainda que seja complexo, para não se dizer difícil, promover tal modelo educativo, que supere a tradição da memorização-repetição, das respostas automáticas, que não permite a criatividade, a imaginação e a autonomia do pensamento, ainda demandará grandes esforços; atualmente temos cada vez mais claro a necessidade de mudanças no lidar, no fazer, no estimular e no aceitar da produção, dos avanços e das afirmações dos educandos que favorecidos pelo lúdico, expressam-se positivamente no âmbito da escola.

Contribuindo com esta consciência e senso de oportunidade temos nesta relação a:

"Representação de entretenimentos e jogos que promovam a motivação e interesse da criança a participar de forma ativa; conter elementos de diferenciação que possam prender a atenção da criança durante o processo; possibilitar a estimulação das áreas mais comprometidas da criança, utilizando-se das mais desenvolvidas a fim de tornar a intervenção mais completa possível; eliminação de fatores inibitórios que possam bloquear a estimulação programada (PERUZZOLO; COSTA, 2015, p.7)".

Não por acaso, nas normas norteadoras da Neuropsicopedagogia, que constatamos mais que lúcidas e justificáveis, podemos confirmar pelo artigo 29, que explicitam as funções do neuropsicopedagogo que se resumem em:

"a) Observação, identificação e analise do ambiente escolar nas questões relacionadas ao desenvolvimento humano do aluno nas áreas motoras, cognitivas e comportamentais, considerando os preceitos das neurociências aplicada a Educação, em interface com a Pedagogia e Psicologia Cognitiva;

b) Criação de estratégias que viabilizem o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem dos que são atendidos nos espaços coletivos;

c) Encaminhamento de pessoas atendidas a outros profissionais quando o caso for de outra área de atuação/ especialização contribuir com aspectos específicos que influenciam na aprendizagem e no desenvolvimento humano. (SBNPp, 2016, p. 4)".

Por isso, no item 'b', com as melhores interpretações, temos que as práticas da ludicidade são aplicáveis e desejáveis, sempre visando o desenvolvimento salutar e transformador da criança em atendimento e educação pelos princípios da Neuropsicopedagogia.

Aos especialistas em Neuropsicopedagogia cabe desenvolver uma atuação significativa nos âmbitos diagnósticos, com os instrumentos e ferramentas pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem, atuando nas questões contemporâneas que gravitam, não só nas problemáticas próprias do aluno, mas nas realidades familiares, culturais e socioeconômico que de maneira geral podem contribuir com o fracasso escolar ou seu sucesso.

Noutro aspecto, como sabido, a partir da junção ludicidade e Neuropsicopedagogia podemos obter respostas claramente positivas em relação aos casos de defasagem da aprendizagem, dos casos de indisciplina, agressividade injustificável e incivilidade, que são comuns (infelizmente) na trivialidade escolar. Nessa situação, é fundamental que as famílias confirmem suas presenças, interesses e ações curativas na vida escolar dos filhos, para que haja superação e realização existencial em todos estes agentes.

Certamente que a negligência dos pais ou responsáveis, tanto na vida escolar, quanto no trato afetivo, legam aos filhos sentimentos de revolta, carência, insegurança, rancor, desvalorização e apatia, favorecendo o surgi-

mento de graves traumas, que se refletem no processo da aprendizagem do aluno e em sua sociabilidade.

Um educador gabaritado com os méritos da ludicidade e da Neuropsicopedagogia pode favorecer o melhor tratamento destes quadros, enquanto atuação na educação escolar e enquanto ponte com a família, que pode ser tão orientada, educada e vocacionada quanto o filho, podendo junto ao professor cumprir seus papéis afetiva e socialmente e nos pressupostos da civilidade.

Não obstante, boa vontade, a mera visão de "sacerdócio pedagógico", "ideal de família" dentre outras concepções benfazejas, mas desestruturadas, não darão conta das necessárias transformações humanísticas, formadoras e civilizatórias, daí o tratamento que demos a tais assuntos neste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta exposição e argumentações, sempre em busca da fidelidade teórica e à condizente interpretação que responda por esta, podemos defender alguns elementos primordiais, dentre estes que a ludicidade é fundamental e incontornável na condução de uma educação eficiente e humanizadora.

Que o pensamento multidisciplinar é uma real necessidade nas escolas, não por ser "moda", mas porque, sabidamente pode (e geralmente) apresenta soluções e prevenções que doutra forma, em sendo ignoradas, podem comprometer o cotidiano e os participantes da vida escolar.

Que a presença dos pais em todos os níveis da realidade escolar e da vida dos alunos são tão importantes quanto fundamentais para que as possibilidades da Pedagogia aplicada se tornem sucesso e constatação na vida dos educandos.

Que as formas de aplicação da "educação bancária" são infrutíferas e fonte de exclusão, sofrimento e frustração para os educandos, ainda que o senso comum e as visões mais reacionárias e ignorantes das vivências pedagógicas humanitárias, a defendam baseadas em saudosismos e ideologias não democráticas.

Que a ludicidade, desde seus pensadores e teóricos, até a singela aplicação no cotidiano da sala de aula, é eficaz e constatável elemento de aprendizado, contentamento, capacitação, crescimento, sociabilidade e amadurecimento tanto dos educandos, quanto dos educadores e até das famílias.

Que a diversão, interação, aproximação intergeracional e interpares no viver pedagógico tem-se mostrado eficiente e produtivo, principalmente na realidade da educação básica.

Que a ludicidade exige formação teórica consistente e um cabedal de práticas aceitas e constatáveis para que sua eficiência se concretize.

Que o educador, a escola enquanto instituição de vanguarda e a família, participem dos processos intelectuais, humanos, sociais e terapêuticos que ajudem a formar os educandos.

Que profissionais de educação com formação complementar em Neuropsicopedagogia podem atuar exemplarmente para o melhor dos educandos, do universo escolar e para o coletivo de todos os que participam deste ambiente.

A ludicidade não é uma atuação fantasiosa e dispersa das práticas educativas, mas uma resposta adequada para que obtenha sucesso escolar.

Assim, desde os séculos passados temos ciência pelos profissionais de diversas áreas, reconhecidos universalmente pelas suas capacidades, seriedade, clareza inconteste em seus estudos, experimentos e conclusões, que a educação não é um processo de "transmissão", nem atributo genético, nem uma "graça divina", mas um processo humano plenamente compatível com a realidade humana mesmo, desde que estruturado em princípios científicos, em agires coerentes com os saberes desenvolvidos a partir de sólidas bases e fazeres comprovados.

A Neuropsicopedagogia nos confirma tais alegações sobejamente, demonstrando aspectos que vão além das interações humanas, mas que muitas vezes se estruturam nas constatações neurológicas e nos resultados de suas vivências.

Vivências estas que não se acomodam em meras interpretações, definições, teorias e esperanças, mas que se explicitam em resultados constatáveis e apreciáveis, onde se comprovam os méritos de sua análise, terapêutica, profilaxia e esclarecimento.

Não se pode negar que os tratamentos da ludicidade e da Neuropsicopedagogia, em muitos aspectos atendem aos apelos freirianos contra a famigerada "educação bancária" que imagina a submissão, a homogeneização ao rés do chão dos alunos e o afastamento do real existencial dos que aprendem, bem como o cerceamento das muitas facetas que respondem por sua realidade da sala de aula, ignorando sua vida pregressa, suas heranças socioculturais, sua realidade familiar, suas habilidades, potenciais, carências e necessidades, ajudando no fracasso enquanto norma comezinha.

Será difícil educar ignorando tais aspectos, daí que apoiar-se enquanto educador nas práticas da ludicidade e Neuropsicopedagogia não constituem uma mera opção mas uma necessidade premente, onde conhecimento, o fazer e o embasamento teóricos gabaritam não só o educador e a escola, mas também a família; num âmbito maior, a própria sociedade em construção.

Ninguém está isento da responsabilida-